

JAIME ROCHA

Deserto

Um lugar de chegada, uma foz
um ninho vazio para receber a noite*.
Quando caminhamos pelo tempo com
a metade do corpo, quase sem alma,
é como se nos transformássemos
em pássaros ou em peixes, em qualquer
coisa parecida com os mortos que entram
pelo mar dentro à procura de um deserto
diferente, uma voz, um toldo, um vestido
salpicado de neve.
Um poeta olha para as pedras e ali fica
colado ao silêncio
Olha depois para uma paisagem
de barcos velhos e tudo se destrói
à sua volta. Vê um imenso alçapão,
sem janelas, repleto de estátuas partidas,
como sombras dentro de um espelho.
É lá que se edifica novamente um deserto
cheio de ruínas onde nenhuma aldeia,
nenhum telhado fica de pé.
Tudo é de vidro nesse lugar de chegada:
outro ninho vazio, outra mesa, um estojo
de metal, uma folha queimada.
Como se todos nós fôssemos naufragos,
sozinhos, tapados pelas canas.

*In "Palavra Interdita, Livro de Horas IV", de Maria Gabriela Llansol
-Poesia, Um Dia (2012-2017), 2015